



O anonimato como fator de pertencimento no uso de redes sociais on-line em projetos educacionais¹

Adriano Medeiros Costa²

Resumo

O objetivo deste artigo é apresentar como as redes sociais on-line que permitem postagens anônimas podem ser usadas por professores e alunos para a Educação Sexual de modo a atender as expectativas dos jovens diante de um tema transversal tabu. Com essa experiência, realizada em um minicurso sobre sexualidade e saúde, buscou-se ir além da utilização das redes sociais para o entretenimento social, mostrando que elas podem ser um ambiente que favorece o processo de ensino-aprendizagem. O método utilizado na pesquisa é uma combinação de estudo de caso com pesquisa-ação, a metodologia adotada no desenvolvimento da pesquisa foi a pesquisa qualitativa. A técnica foi a aplicação de questionários, a coleta de dados foi presencial, portanto, os dados foram primários. Por fim, conclui-se que a concepção de comunicação está na relação de confiança estabelecida entre os interlocutores (professor-aluno), à medida que o aluno tem suas dúvidas sobre sexo esclarecidas com o professor através de uma rede social on-line que permite o anonimato.

Palavras-chave: Redes sociais on-line. Tecnologia educacional. Anonimato. Pertencimento.

¹ Este trabalho compreende um recorte da tese de doutorado do autor, intitulada "Por trás de Links, sempre existem pessoas: o anonimato como fator de pertencimento no uso de redes sociais on-line em projetos educacionais", defendida em 2013, sob a orientação do professor Arnon Alberto Mascarenhas de Andrade no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRN.

² Professor adjunto do Departamento de Comunicação Social | Universidade Federal do Rio Grande do Norte | adrianomcosta@gmail.com



1 Introdução

Na educação tradicional presencial a ideia de pertencimento é antagônica a de anonimato. Neste artigo defende-se que é possível haver pertencimento quando há anonimato.

As novas tecnologias da comunicação e informação podem contribuir para o desenvolvimento da Educação de modo geral e da Educação Sexual, em particular, permitindo o pertencimento educacional através de um processo de gestão do ambiente on-line que favorece a comunicação.

De um modo geral, é indispensável ao professor conhecer a identidade dos alunos, bem como suas determinantes sociais e econômicas. Mas em casos nos quais os tabus sociais, as crenças religiosas ou os preconceitos inibem a relação de confiança, a não identificação do aluno se faz necessária para a efetivação do processo ensino-aprendizagem. Neste sentido, um processo educativo e/ou comunicativo não implica em um professor conhecer apenas a identidade do seu aluno, mas sim em uma relação de confiança que se estabelece.

Paulo Freire (1988) não vê o processo comunicativo como uma simples “extensão”, ou seja, transferência mecânica. Sendo assim, a troca de informações constitui, apenas, uma ação instrumental e não ação comunicativa. Comunicar-se é estabelecer em grupo um processo muito mais profundo. É um ato de pensar coletivo animado apenas pelo desejo de continuar o processo. Para Freire: “A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados”. (FREIRE, 1988, p. 69).



Como premissa básica, importa dizer que, na formulação de seus conceitos teóricos, o educador parte sempre da própria realidade do ser humano e de que educação implica, necessariamente, comunicação, a qual é a coparticipação no ato de pensar, em ética e afetividade (confiança).

Na experiência realizada, a condição de anonimato entre professor e alunos não impediu que o ato educacional se concretizasse, pois o processo implicou, necessariamente, coparticipação no ato de pensar, ética e afetividade (confiança). Assim, os alunos tendem a se sentir pertencentes, pois tiveram sua privacidade resguardada, bem como suas expectativas de aprendizagem foram atendidas. Tudo isso mostra que mesmo anonimamente, há potencial de diálogo na medida em que o sujeito expôs essa informação relevante ao outro, o que não faria/fez de forma nominada, por temer a reação alheia.

Nesse sentido, este artigo busca responder a seguinte pergunta: como as redes sociais on-line, através de postagens anônimas podem ser utilizadas por professores e alunos, e contribuir para a promoção da Educação Sexual, enquanto tema transversal, de modo a atender às necessidades e às expectativas dos jovens diante de um tema transversal e tabu? Para tanto, o objetivo é apresentar como a rede social on-line Formspring permite postagens anônimas e pode ser usada por professores e alunos para a Educação Sexual de modo a atender as expectativas dos jovens diante de um tema transversal tabu.

O artigo apresenta a metodologia definida para o desenvolvimento da pesquisa, bem como a discussão e resultados obtidos.



2 Metodologia

A metodologia adotada no desenvolvimento da pesquisa foi a pesquisa qualitativa, o método é uma combinação de estudo de caso com pesquisa-ação. Para Santos (1999) a pesquisa-ação acontece quando qualquer dos procedimentos é desenvolvido envolvendo pesquisadores e pesquisados no mesmo trabalho, uma vez que, a ambos interessaria a criação de respostas imediatas para uma certa necessidade. Já o que se refere a abordagem qualitativa parte do pressuposto de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre sujeito e objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. Assim, na pesquisa qualitativa, o pesquisador não impõe um distanciamento, capaz de extrair leis constantes que a explicam e cuja frequência e regularidade podem ser comprovadas pela observação direta e pela verificação experimental. A pesquisa qualitativa procura desenvolver conceitos sensíveis, descrever realidades múltiplas e desenvolver a compreensão de todos os tipos de pesquisa qualitativa (PATRÍCIO apud PATRÍCIO et al, 1999, p. 4).

A técnica consistiu na aplicação de questionário, o qual foi composto em parte por perguntas objetivas, com múltiplas alternativas, e parte com perguntas subjetivas, visando saber as “vozes” dos educandos. Na primeira parte do questionário, intitulada de “identificação”, procurou-se saber qual o perfil socioeducacional do educando. A segunda parte se buscou descobrir como eles lidam com a própria sexualidade e sobre o papel dos pais, amigos e educadores nesse contexto, bem como as influências dos meios de informação. A coleta de dados primários ocorreu presencialmente na experiência de campo, realizada no minicurso "Por



trás de links sempre existem pessoas: utilizando as redes sociais on-line na promoção da Educação Sexual" (20h/a), na cidade de Campo Redondo – RN, durante o 7º Encontro de Jovens e Adolescentes e Educadores, com o tema “Educação no enfrentamento da violência e promoção da saúde”, promovido pelo Centro de Promoção Social “Noir Medeiros de Souza”. Na experiência, realizada em 2011, 20 educandos de ambos os sexos, participaram de forma voluntária usando um ambiente on-line exclusivamente destinado a prestar de forma anônima informações sobre dúvidas relacionadas à sexualidade humana e Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST), tais como AIDS, risco de gravidez, métodos contraceptivos e afins. Nesta pesquisa foi utilizada uma conta chamada “Por trás de links, sempre existem pessoas” na rede social on-line Formspring, ambiente on-line eleito como área de interlocução da experiência. Do total dos 20 educandos que responderam ao questionário durante sua aplicação, 30% eram homens; e 70%, mulheres. A faixa etária predominante foi a de 15 a 19 anos (90%). Em seguida, vem a faixa dos 20 a 24 anos (10%).

3 Resultado e discussão

A Educação Sexual é a parte dentro do campo da Educação que trata da sexualidade humana. Em termos de conteúdo, dentro das escolas são temáticas pertinentes nas aulas assuntos como órgãos reprodutores (masculino e feminino), orientação sexual e gênero, relações sexuais propriamente ditas e reprodução humana, planejamento familiar, uso de contraceptivos e demais temas, tidas com maior ou menor ênfase dependendo da escola, que tenham o objetivo de educar sobre saúde sexual. Para Maria José Garcia Werebe:



A educação sexual compreende todas as ações, deliberadas ou não, que se exercem sobre um indivíduo, desde seu nascimento, com repercussão direta ou indireta sobre suas atitudes, comportamentos, opiniões, valores ligados à sexualidade. A educação sexual, num sentido amplo, processo global, não intencional, sempre existiu, em todas as civilizações, no decurso da história da humanidade, de maneira consciente ou não, com objetivos claros ou não, assumindo características variadas, segundo a época e as culturas. (WEREBE, 1998, p. 139).

Nesse sentido, para a autora, a Educação Sexual pode ser dividida em duas vertentes: a Educação Sexual Informal e a Educação Sexual Intencional. A informal é aquela recebida, sobretudo, no dia-a-dia do ambiente familiar, mas também na escola quando ela não é planejada. Já a intencional “compreende as intervenções deliberadas, sistemáticas, em geral regulares e planejadas, relativas ao domínio da vida sexual” (WEREBE, 1998, p. 155) e pode se realizar fora ou dentro do ambiente escolar. Isto é, o que define uma ou outra não é o lócus, mas sim a intencionalidade. Tanto em um caso, quanto no outro, pode ser destinada não apenas aos adolescentes na puberdade, mas também a crianças e adultos.

Em uma escola onde são ministrados conteúdos presenciais de Educação Sexual, como parte integrante do currículo ordinário e na qual são utilizadas, como se propõem, novas tecnologias de informação e comunicação como estratégia complementar às aulas presenciais, é primordial que os discentes não se sintam forçados a participar das discussões relativas ao tema. Sendo assim, se espera que eventuais resistências sejam superadas graças à percepção de que fatores pessoais,



que são obstáculos para o diálogo, tais como timidez e religiosidade possam ser respeitados. Nesse âmbito, se espera que o ambiente favorável decorrente sirva de estímulo para a quebra de resistências e aumento das intervenções discentes de forma não coerciva.

Ao utilizar as redes sociais como o Formspring, cabe aos professores transmitir a seus alunos informações através do ambiente capazes de fazê-los distinguir informações cientificamente comprovadas de mitos e preconceitos, como também atendê-los no sentido de responder às suas dúvidas e na impossibilidade disso, orientá-los para que procurem um profissional da área saúde. O professor deve também tomar providências para que seus alunos possam exprimir livremente suas dúvidas, inquietações, opiniões (inclusive as divergentes) e inseguranças típicas da fase etária, visando permitir que se sintam respeitados durante o processo.

Com relação aos resultados obtidos na pesquisa realizada, inicialmente procurou-se identificar o perfil socioeducacional do educando. Nesse sentido, a análise dos dados revelou que, dos estudantes pesquisados, 60% afirmam possuir, pelo menos, um computador em sua casa e todos eles costumam acessar a internet, sendo que a maior parte fica entre uma hora (30%) a até três horas (25%) conectados diariamente. Ao navegar, a maioria está à procura de entretenimento (55%), checar a própria conta de e-mail (50%) e para o envio de torpedos (40%) para o celular de alguém.

As respostas nos questionários também revelaram que todos os jovens inquiridos eram membros de alguma rede social on-line. Em uma questão em que eles puderam marcar mais de uma opção, descobriu-se que o Orkut ainda era utilizado por 90%. O Twitter por 60%, o YouTube por 35% em terceiro lugar, e o Facebook com 45%. A rede social utilizada na pesquisa, Formspring já era usada por apenas 15%. Uma das razões pela baixa



porcentagem desta última rede social, possivelmente é o fato de sua interface gráfica ser ainda apenas em inglês.

Em alguma dessas redes, a maioria (35%) declarou que fica conectado por pelo menos uma hora por dia. E cerca de 50% revelaram que se conectam todos os dias e frequentemente mais de uma vez por dia. Esses acessos acontecem geralmente de casa (40%) ou de uma lan house (30%). A principal razão para a participação deles nessas redes é a mesma pelas quais elas foram criadas: manter contatos com amigos (55%) já existentes e fazer novos amigos (40%). Apenas 10% afirmaram fazer uso delas para namorar ou paquerar.

Conforme os dados obtidos pelo questionário sobre a sexualidade dos alunos, as respostas revelaram que pouco mais de um terço (35%) deles já tinha uma vida sexual ativa (Gráfico 1), o que não é pouco, quando se considera que 90% deles declararam ter entre 15 e 19 anos, como se pode ver no Gráfico abaixo:

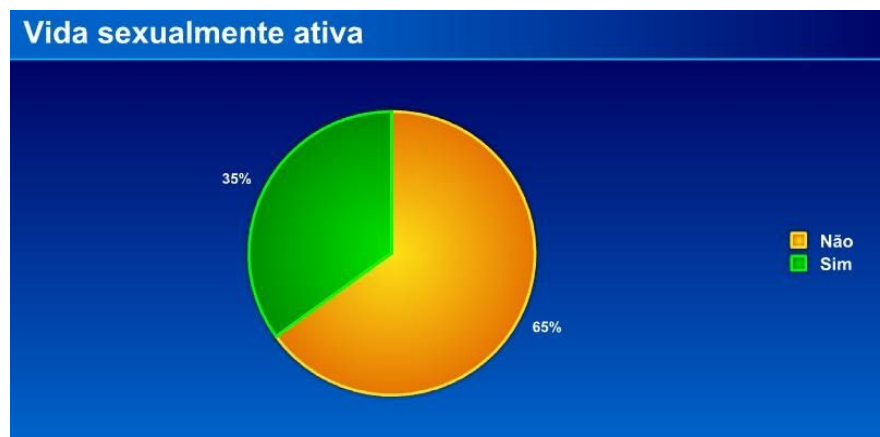


Gráfico 1 – Porcentagem dos que declaram ter vida sexual ativa.

No caso descrito acima, à luz dos conhecimentos, pode-se conjecturar sobre a hipótese de que em uma pergunta sobre se o aluno já



teve ou não uma relação sexual, o adolescente pode ter respondido positivamente, mesmo estando o sigilo das respostas no questionário garantido. Considerando que, agindo dessa maneira, ele afirma sua masculinidade enquanto adolescente e se distancia da infância, já fazer sexo implica estabelecer uma diferença e distância entre a criança que ele foi até recentemente. Para boa parte deles, fazer sexo é presunção de maturidade e o não fazer implica a diminuição de sua autoestima.

Os jovens, quando questionados se os seus pais tinham conhecimento acerca da sua vida sexual (Gráfico 2), a maior parte (30% dos jovens) respondeu “não”, e 25% respondeu “sim”. 45% deles optaram em não responder.



Gráfico 2 – Porcentagem dos jovens que declararam ter ou não os pais ciência sobre sua vida sexualmente ativa.

Os jovens se mostram indecisos (45%) sobre se sentiam constrangidos de falar com alguém sobre sexo (Gráfico 3), mesmo que seja com um amigo, parente, professor ou profissional de saúde. Enquanto isso, a porcentagem dos que declararam sentir ou não sentir foi a mesma (25%):



Gráfico 3 – Porcentagem dos jovens que declaram se sentir envergonhados ou não de falar publicamente sobre sexo.

O equilíbrio estatístico permanece ao serem perguntados se os pais falavam com eles sobre sexo (Gráfico 4). Ao todo, 50% revelaram conversar com os pais sobre sexo. Mas 40% declararam não conversar.

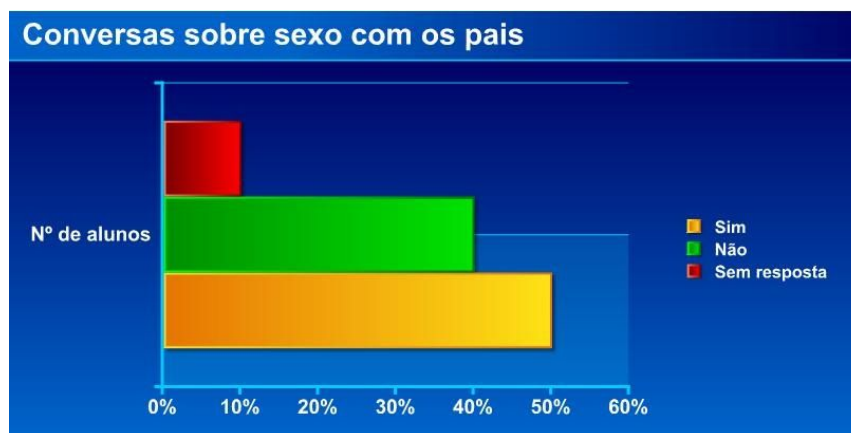


Gráfico 4 – Porcentagem de jovens que declararam conversar com os pais sobre sexualidade.

A porcentagem é praticamente igual a anterior quando foi perguntado se os educadores conversam com eles sobre sexo (Gráfico 5). Enquanto 50% conversam, 35% não conversam. Na verdade, se a



metodologia adotada nas atuais aulas de Educação Sexual, funcionasse, esperava-se que o número de jovens que dizem conversar sobre sexo com seus educadores fosse bem maior do que os que declaram conversar com os pais:



Gráfico 5 – Porcentagem dos jovens que declararam conversar sobre sexo com os seus educadores.

A seguir, os jovens foram inquiridos sobre quem ou o que eles procuram quando desejam tirar suas dúvidas sobre sexo (Gráfico 6). Com quem eles mais aprendem sobre o assunto. Devido à natureza da pergunta, a resposta permitia sinalizar múltiplas alternativas. As opções abarcavam desde os meios tradicionais e novos de informação, passando por profissionais ligados ao assunto até o círculo social mais próximo deles. Como se trata de jovens entre 15 e 19 anos (90%), a maioria deles declaram que os amigos (50%) são quem eles mais procuram. Os educadores (10%) levam desvantagem quando comparados a porcentagem daqueles que optam por consultarem os parentes próximos (tios, primos e avós), com 15%; outros usam a internet (15%); e outro grupo de alunos buscam informações em revistas e livros (20%). Os dados são reveladores, considerando que os jovens são de uma pequena cidade do



interior do Rio Grande do Norte, onde os costumes familiares são mais conservadores e ainda há certa dificuldade de acesso à internet e na obtenção de livros e revistas. É importante observar que nenhum dos jovens declarou que conversa com seu próprio pai sobre sexo, embora constasse dentre as opções da questão perguntada.



Gráfico 6 – Porcentagem das formas utilizadas pelos jovens para obterem informações sobre sexo.

Uma das perguntas subjetivas mais importantes feitas aos jovens através do questionário, que poderiam ser respondidas, anonimamente, foi a que perguntou se eles gostariam de, em suas escolas, poder tirar dúvidas sobre sexo com um professor através da internet, mas que esse professor não pudesse identificá-los. (Ele saberia apenas que se trata de um de seus tantos alunos, mas não saberia qual). Um dos jovens respondeu que “Adoraria. Me sentiria mais segura! Seria realmente muito bom!” (ANÔNIMO, questionário). Outro jovem fez uso do espaço em aberto destinado a comentários e sugestões no final do questionário para dizer que “As redes sociais são muito importantes porque não é todo mundo que tem acesso em casa a se abrir com seus pais de falar sobre sexo. Por isso, as redes são muito importantes” (ANÔNIMO, questionário).



Um dado preocupante é que quase um terço (30%) dos jovens praticamente de vida sexual ativa não faz uso de qualquer tipo de método contraceptivo (Gráfico 7), embora a abstenção de outra boa parte (35%) tenha impedido de se saber essa informação com mais exatidão:



Gráfico 7 – Porcentagem dos jovens que declararam usar ou não algum tipo de método contraceptivo.

Com relação a esta experiência realizada em um evento sobre sexualidade para jovens, a maior parte (85%) deles considerou uma experiência útil ao seu aprendizado, ou seja, um fator a mais de conhecimento (Gráfico 8):





Gráfico 8 – Porcentagem dos jovens que avaliaram a experiência na rede social on-line Formspring.

Há diferentes níveis de inibição que afligem os jovens estudantes sempre que se deparam com conteúdo sobre sexualidade humana. A análise das informações obtidas para a pesquisa, bem como as observações empíricas, permite estabelecer, de forma simplificada, três níveis de inibição (Figura 1) de acordo com três estratégias para as aulas de Educação Sexual em salas de aulas presenciais, urnas e redações e redes sociais on-line que garantam o anonimato dos discentes, conforme o diagrama a seguir:

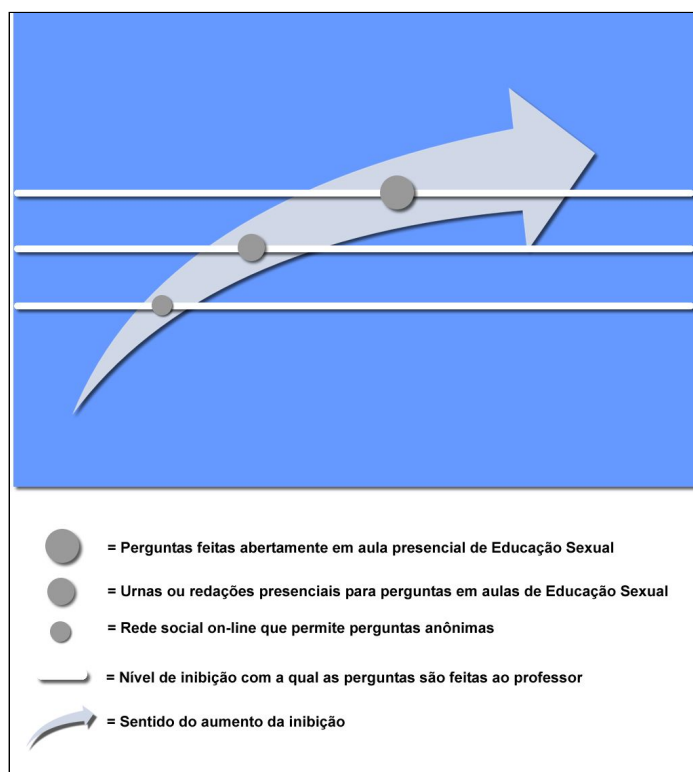


Figura 1 – Demonstração gráfica sobre o nível de inibição discente diante de três estratégias diferentes em aulas de Educação Sexual.



Devido à exposição pessoal e como já ficou demonstrado em relatos anteriores, as discussões entre educadores e educandos sobre sexualidade, gênero e DST, por fatores já relatados, geram muita inibição por parte dos educandos. Já as urnas para as perguntas que são respondidas oralmente na sala de aula ou em rádios escolares, embora tenham custo e manutenção muito simples, resultam em um grau menor de inibição, ainda que existente, visto que, o aluno tem receio de ser identificado ao pôr a sua pergunta na urna, ele teme que reconheçam o papel onde ele escreveu o texto ou até mesmo que reconheçam sua caligrafia.

Essa pesquisa defende a premissa de que a melhor estratégia é a rede social on-line, onde os jovens já estão inseridos e se sentem identificados, permitindo postagens anônimas. Ela permite que os estudantes possam fazer perguntas fora do ambiente escolar, a qualquer tempo através da internet em um computador pessoal ou em uma lan house. Não há como reconhecer caligrafia e, dependendo do contexto da pergunta, muitas vezes nem mesmo o gênero sexual. É importante enfatizar que tais estratégias não são excludentes e que podem ser combinadas de acordo com a realidade de cada turma e com os objetivos pedagógicos dos educadores. Mas esta representação gráfica é importante para verificar como cada uma delas atua no sentido de dirimir obstáculos à transmissão de debate de conteúdos relativos ao tema.

Um processo de interlocução se estabelece entre educadores e educandos através de uma rede social on-line que permita mensagens anônimas, é anonimato apenas no sentido de que não há um nome que possa identificar o aluno. Mas o professor sabe quem é um aluno e o aluno sabe quem está respondendo: professor. Conforme já destacamos, a



condição de anonimato entre professor e alunos não foi comprometida, impedindo que o ato educacional se concretizasse.

Mesmo anonimamente, há potencial de diálogo na medida em que o sujeito expôs essa informação relevante ao outro, o que não faria/fez de forma nominada, por temer a reação alheia. Evidente que há o quesito de não haver a confiança suficiente para se expor nominalmente, mas esse primeiro passo é potencialmente uma abertura, caso propicie uma aproximação que deixe o sujeito que fala anonimamente numa situação de poder/querer se expor revelando seu nome.

Mas em grande parte do nosso país, ao contrário do que ocorreu em outras áreas da Educação, os professores envolvidos com a temática da Educação Sexual sequer estão falando em qualidade de ensino-aprendizagem, eles ainda lutam pela sua simples implementação.

4 Considerações finais

Pelo exposto, a concepção de comunicação está na relação de confiança estabelecida entre os interlocutores (professor-aluno), à medida que o aluno tem suas dúvidas sobre sexo esclarecidas com o professor através de uma rede social on-line que permite o anonimato, ele tende a se sentir pertencido, parte de um processo. Ou seja, essa relação dialógica atende a pretensões de validez que a caracterizam como ação comunicativa em potencial.

As empresas mantenedoras de redes sociais *on-line* talvez nunca tenham pensado o ambiente como um espaço sequer com algum potencial educativo, muito menos sendo educativo. Mas mesmo isso não sendo possível e os interesses mercadológicos dominarem as motivações com as quais tais redes são construídas e mantidas, as redes sociais *on-line*



têm despertado o interesse de diversas pesquisas e experiências acadêmicas³, as quais têm enxergado que as redes sociais *on-line*, mesmo nas atuais circunstâncias, podem ser um ambiente educativo. Isso representa uma mudança de paradigma: o lucro e a competitividade dando espaço para o bem comum e a cooperação.

Assim, educadores e educandos que planejam e executam projetos neste sentido, estão revolucionando e assumindo seu papel histórico e dialético. Pois eles subvertem um meio tecnológico capitalista, criado originalmente para gerar lucro para as empresas mantenedoras através de publicidades opressoras, para projetos educativos em benefício da emancipação humana. Em um mundo onde cada vez mais a educação vira um negócio, seguindo a lógica capitalista os educadores viram funcionários nos melhores casos e “objetos” reificados nos piores. Peças de reposição facilmente substituíveis na “linha de produção” das instituições que só se preocupam em formar jovens não necessariamente para o trabalho, que é uma tarefa importante, mas sim para o mercado e não para o exercício pleno da cidadania.

A estratégia para uma abordagem bem sucedida no que diz respeito aos conteúdos de Educação Sexual são duas: Superação de antigos preconceitos e tabus de ordem sexual, motivados por questões culturais, sociais, políticas, raciais, morais, religiosas e de gênero apenas através das aulas presenciais ou a utilização das novas tecnologias de informação e

³ Dentre elas, a dissertação do autor: COSTA, Adriano Medeiros. **Fugindo da banalidade:** o uso do Orkut como extensão da sala de aula. **Dissertação** (Mestrado em Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008. Bem como a tese: COSTA, Adriano Medeiros. **Por trás de Links, sempre existem pessoas:** o anonimato como fator de pertencimento no uso de redes sociais *on-line* em projetos educacionais. 2013. 281f. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013.



comunicação como estratégia complementar às aulas presenciais para contornar esses tabus, os quais são de difícil solução.

Se o campo da Educação é cada vez mais visto como uma mercadoria esperando oportunidades de fazer negócios, nós podemos revidar e construir projetos educativos que visem a emancipação humana. Se as Novas Tecnologias da Comunicação são quase que totalmente vistas como uns amplificadores do egocentrismo humano e como uma ferramenta de marketing profissional e pessoal, nós podemos dialeticamente cooptá-las para projetos educacionais de modo geral e para a Educação Sexual em particular.



Referências

ANDRADE, Arnon de. **Novas Tecnologias e Educação. Texto apresentado no XVI Epenn - Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste, na mesa redonda “Novas Tecnologias e Educação”**, Aracajú: junho de 2003. Disponível em: www.educ.ufrn.br/arnon/nova.pdf. Acesso em: 09/12/2009

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**, 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

FORMSPRING. Disponível em: <http://www.formspring.me>. Acesso em: 23 mai. 2012.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 10 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1988. (Coleção O mundo, hoje, v. 24).

Pedagogia da Autonomia. 29 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004. (Coleção Leitura)

Pedagogia do Oprimido. 37 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

HABERMAS, Jürgen. **Teoria do agir comunicativo.** São Paulo: Martins Fontes, 2012. (v. 1)

PATRÍCIO, Zuleica Maria et al. **Aplicação dos métodos qualitativos na produção do conhecimento.** Disponível em: <http://spu.autoupdate.com/imprimir.php?modulo=21&texto=1329>. Acesso em: 25/09/2009.



SANTOS, Antônio Raimundo dos. **Metodologia científica, a construção do conhecimento.** 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1999.

WEREBE, Maria José Garcia. **Sexualidade, política e educação, coleção educação contemporânea,** Campinas – SP: Autores Associados, 1998.